

RiMe

Rivista dell'Istituto
di Storia dell'Europa Mediterranea

ISBN 9788897317661

ISSN 2035-794X

numero 8/III n.s., giugno 2021

Visão da paisagem seiscentista portuguesa através
das *vedute* de Pier Maria Baldi e da *Relazione
ufficiale* de Lorenzo Magalotti

A view of the 17th century Portuguese landscape through
the *vedute* by Pier Maria Baldi and the *Relazione
ufficiale* by Lorenzo Magalotti

João Cabeleira

DOI: <https://doi.org/10.7410/1479>

Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Consiglio Nazionale delle Ricerche
<http://rime.cnr.it>

Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos
(sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians
(16th-18th centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo
- Gaetano Sabatini

Direttore responsabile | Editor-in-Chief

Luciano GALLINARI

Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

Comitato scientifico | Editorial Advisory Board

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANCESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

Comitato di redazione | Editorial Board

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

Responsabile del sito | Website Manager

Claudia FIRINO

© Copyright 2021: Author(s)

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”.



RiMe. Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea (<http://rime.cnr.it>)

Direzione e Segreteria | Management and Editorial Offices: via G.B. Tuveri, 128- 09129 Cagliari (I).

Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.

Invio contributi | Submissions: rime@isem.cnr.it

RiMe 8/III n.s. (June 2021)

Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos (sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians (16th-18th centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini <i>Introdução / Introduction</i>	7-9
Cecilia Veracini <i>Uso e commercio degli animali non umani nell'espansione portoghese (secoli XV e XVI): le testimonianze dei viaggiatori italiani / Use and trade of non-human animals in Portuguese overseas expansion (15th and 16th centuries): Evidence from Italian travellers</i>	11-42
Nunziatella Alessandrini <i>Vincenzo Tron e Girolamo Lippomani: a Lisboa de Quinhentos em espelho / Vincenzo Tron and Girolamo Lippomani: the 16th century Lisbon in the mirror</i>	43-61

Rui Loureiro	63-81
<i>Breves notas sobre as cartas lisboetas de Filippo Sassetti (1578-1583) / Brief notes about the Lisbon letters of Filippo Sassetti (1578-1583)</i>	
Luís Costa e Sousa	83-112
<i>Portugal 1580: o itinerário gráfico de Stefano Angarano / Portugal 1580: Stefano Angarano's graphic itinerary</i>	
João Cabeleira	113-144
<i>Visão da paisagem seiscentista portuguesa através das vedute de Pier Maria Baldi e da Relazione ufficiale de Lorenzo Magalotti / A view of the 17th century Portuguese landscape through the vedute by Pier Maria Baldi and the Relazione ufficiale by Lorenzo Magalotti</i>	
Mariagrazia Russo	145-162
<i>Antonio Albergati, colector em Portugal (1622-1624): uma presença contra a escravidão. Documentos inéditos em bibliotecas romanas / Antonio Albergati, collector in Portugal (1622-1624): a presence against slavery. Unpublished documents in Roman libraries</i>	
Cristina Bravo Lozano - Roberto Quirós Rosado	163-183
<i>Evangelizzare nella tempesta. Fra' Bonaventura d'Alessano, la 'Restauração' in Portogallo e le origini della Missione del Congo / Evangelising in the storm. Friar Bonaventure d'Alessano, the 'Restauração' in Portugal and the origins of the Congo Mission</i>	
Ricardo Bernardes	185-198
<i>Vivat Maestri Scolari: a presença de Giuseppe Scolari e as suas óperas em Lisboa entre 1766 e 1774 / Vivat Maestri Scolari: the presence of Giuseppe Scolari and his operas in Lisbon from 1766 to 1774</i>	
Elfrida Ralha	199-238
<i>João Ângelo Brunelli (1722-1804). Episódios históricos marcados por um matemático bolonhês contratado por D. João V / João Ângelo Brunelli (1722-1804). Historical episodes marked by a Bolognese mathematician hired by D. João V</i>	
Ana Paula Avelar	239-259
<i>A Alteridade na reavistação de um Portugal setecentista. As "Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie" de Giuseppe Gorani / The Otherness in</i>	

the re-visitation of a 18th century Portugal. The “*Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie*” by Giuseppe Gorani

Focus

Antonio González Valverde - José Javier Ruiz Ibáñez

263-298

El derecho y el azar testamentario: mérito, promoción social, normativa y tiempos en la sucesión del maestro de campo don Juan de Rivas, castellano de Cambrai (1596-1616) / Testamentary law and chance: merit, social promotion, norms and times in the succession of the maestro de campo Don Juan de Rivas, castellan of Cambrai (1596-1616)

Visão da paisagem seiscentista portuguesa através das *vedute* de Pier Maria Baldi e da *Relazione ufficiale* de Lorenzo Magalotti

A view of the 17th century Portuguese landscape through the *vedute* by Pier Maria Baldi and the *Relazione ufficiale* by Lorenzo Magalotti

João Cabeleira

(Escola de Arquitetura, Arte e Design
da Universidade do Minho/Lab2PT)

Date of receipt: 10/02/2021

Date of acceptance: 28/03/2021

Resumo

O presente artigo resulta de proposta de projeto de investigação que, fundada no resgate de fontes como as vedute de Pier Maria Baldi e a *Relazione Ufficiale* de Lorenzo Magalotti, visa o reconhecimento material e imaterial, a par da indagação diacrónica, da paisagem portuguesa.

Neste ensaio, abre-se o olhar ao quadro espacial e cultural português seiscentista, centrando-se nas etapas da viagem europeia de Cosme III de Médici (1668-1669), desde a entrada em Portugal por Campo Maior até a saída de Lisboa rumo a norte, tendo como destino Santiago de Compostela, passando ainda pela Irlanda, Inglaterra, Holanda, Flandres e França, antes do regresso do príncipe e do séquito a Florença.

Palavras Chave

Viagem; Cosimo III de Medici; Veduta; paisagem; Portugal.

Abstract

This article results from a research proposal that, rescuing documental sources such as Pier Maria Baldi's vedute and Lorenzo Magalotti's *Relazione Ufficiale*, aims to a material and immaterial recognition, alongside a diachronic inquiry, of the Portuguese landscape.

In this essay, we look at the Portuguese 17th century spatial and cultural framework, focusing upon stages of the European travel by Cosimo III of Médici (1668-1669), since his entry into Portugal through Campo Maior and his departure from Lisbon towards north, destined to Santiago de Compostela, passing through Ireland, England, Holland, Flanders and France, before the return of the prince and his entourage to Florence.

Keywords

Travel; Cosimo III of Medici; Veduta; Landscape; Portugal.

1. O Projeto de Investigação. - 2. A linha de fronteira. - 3. Entrada em Elvas e relações com a Casa Professa. - 4. Do interior ao litoral atlântico. - 5. Chegada a Lisboa. - 6. Contato e relações epistolares. - 7. A cidade de Lisboa e instituições. - 8. Conclusão. - 9. Bibliografia. - 10. Curriculum Vitae.

Entre 18 de setembro de 1668 e 29 de outubro de 1669 o príncipe toscano, Cosme de Médici, futuro Grão-Duque Cosme III, empreende uma viagem percorrendo Espanha, Portugal, Irlanda, Inglaterra, Holanda, Flandres e França. Não sendo esta o primeiro périplo do príncipe, que em 1664 percorrera a Emília Romanha, o Véneto e a Lombardia, e entre outubro de 1667 e maio de 1668 cruzara a Alemanha e Países Baixos¹, a viagem faria parte do plano de formação do príncipe, integrando claros objetivos diplomáticos, chegando até nós documentação escrita e gráfica que permite avaliar a experiência do jovem monarca a par de especificidades das sociedades e lugares com que contactou.

No caso particular desta viagem que inclui passagem pelo território português, onde entra a 9 de janeiro de 1669 por Campo Maior abandonando-o a 1 de Março por Caminha, em direção a Santiago de Compostela², o diário oficial da viagem, escrito por Lorenzo Magalotti³, descreve dos lugares e personagens com quem o príncipe contacta, enquanto as panorâmicas desenhadas por Pier Maria Baldi⁴ revelam a imagem da paisagem portuguesa de seiscentos.

¹ Além da identificação destas viagens, Radulet (2003) elenca a respetiva documentação oficial associada a cada uma delas.

² Neste percurso entre Campo Maior e Caminha, a comitiva de Cosme de Médici passa por Elvas, Vila Viçosa, Estremoz, Venda de Busseiras, Évora, Venda de Patali, Montemor, Venda de Pilhafan, Alandeira, Setúbal, Aldeia Gallega (Montijo), Lisboa, Vila Real d'Alcântara, Belém, Vila Longa, Vila Franca, Cartaxo, Santarém, Golegã, Tomar, Estalagem de Gaita, Ansian, Fonte Coberta, Coimbra, Mealhada, Cerdam, Pinheiro, Porto, Moreira, S. Pedro de Rates e Viana.

³ Lorenzo Magalotti (1637-1712), filósofo, diplomata e poeta italiano. Nascido em Roma, de família aristocrata, estuda direito e medicina, primeiro no Colégio Romano e posteriormente na Universidade de Pisa, sendo membro da *Accademia del Cimento*.

⁴ Pier Maria Baldi (c.1630-1686), treina como pintor na oficina de Baldassare Franceschini (II Volterrano), e como arquiteto junto de Ferdinando Tacca. Em 1667 é enviado para Roma, pelo grão-duque toscano Ferdinando II de Médici, tomando contacto com o meio mais informado e atualizado da produção de *Vedute*.



Fig. 1: Síntese da viagem europeia de Cosme III de Médici.

Acompanha o príncipe um séquito de 23 pessoas (mordomo, tesoureiro, copeiro, sacerdote, médicos, secretários, camareiros, lacaios, cavaleiros, membros da nobreza e diplomatas), de onde se destaca, além de Lorenzo Magalotti e Pier Maria Baldi, que produziram respetivamente a *Relazione Ufficiale*⁵ e as *Vedute*⁶, Filippo Corsini, Jacopo Ciuti e Giovan Battista Gornia cujos diários de viagem permitem ampliar a leitura do evento e paisagem percorrida.

Assim, e no cruzamento das fontes documentais, o olhar aqui exposto parte das *Vedute* de Baldi, elemento essencial à restituição histórica da imagem e forma urbana. Contudo, e apesar de os desenhos se constituírem como documento incontornável no retrato da paisagem do Portugal de seiscentos (34 desenhos de um total de 396 cobrindo a totalidade do percurso europeu), dever-se-á ter em consideração que a visão de Baldi não corresponde necessariamente a um registo objetivo dos lugares visitados. Um aspeto a considerar uma vez que os desenhos a sépia e tinta negra (com dimensões que

⁵ Florença, Biblioteca Nazionale Centrale - Fondo Nazionale II III 429; Biblioteca Nazionale Centrale, Fondo Conventi Soppressi - G 9 1863; Archivio di Stato - Fondo Magalotti.

⁶ Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana - Med.Palat.123.

chegam a atingir os 2,5m e 3,0m) são terminadas em Florença, entre os anos de 1670 e 1680, a partir das anotações recolhidas *in loco*⁷. Como tal, aí projeta-se, simultaneamente, a realidade vista e a intuída, sendo o desenho contaminado por motivos provenientes do quadro cultural e espacial de referência do autor, a par dos códigos gráficos próprios relativos tanto a formas naturais como construídas. Daí que interesse, à observação atenta do desenho, uma inquirição crítica e em permanente confronto com a demais iconografia dos lugares e os dados históricos.

1. O Projeto de Investigação

Através do escrutínio das fontes documentais elencadas, o projeto 'A viagem europeia de Cosme III de Médici. Uma visão da paisagem, ambiente construído e cultural português' pretende analisar práticas de representação espacial moderna (procedimentos gráficos aplicados por Baldi), indagar sobre o ambiente edificado e paisagem portuguesa (desvendando a sua morfologia urbana, imagem arquitetónica e estratos paisagísticos), descrever o contexto cultural (com particular enfoque nas reverberações culturais e configurações espaciais), promover estratégias de valorização do património mapeado (fomentando redes culturais e criativas vinculadas à valorização do património). Objetivos articulados a partir de uma metodologia colaborativa e transdisciplinar, envolvendo investigadores dos domínios do Desenho, Arquitetura, Paisagem, Geografia e História, oriundos dos centros de I&D Lab2PT/UM e CHAM/FCSH/UNL. Deste modo, procura-se avançar no reconhecimento do património reportado e representado pelas fontes identificadas, no que diz respeito à paisagem do século XVII, ao ambiente edificado e cultural, visando, ainda, catalisar a perceção do quadro espacial e cultural contemporâneo como resultado de um contínuo palimpsesto. Uma ideia reforçada pelo intercâmbio com outras unidades de I&D e investigadores que, estudando o mesmo evento mas incidindo sobre outros contextos espaciais e culturais percorridos pelo príncipe italiano, permitam promover o reconhecimento do património espacial e cultural da Europa expondo a simultaneidade entre a sua diversidade e coesão.

De acordo com os objetivos delineados no projeto são chamadas à participação 5 áreas científicas: História (económica, social, política e cultural,

⁷ No Archivio di Stato de Florença existe caixa com cartas e outros documentos enviados ao artista entre 1677 e 1684, entre os quais várias folhas com informações sobre os locais visitados, com a data de cada estada e notas sobre o local, acomodações e lugares para comer (Archivio di Stato, MdP, 1826, Florença). Infelizmente as anotações gráficas de Baldi ainda não foram identificadas em Arquivo.

nomeadamente nas suas reverberações espaciais); Arquitetura (morfologia urbana e caracterização arquitetónica); Desenho (representação objetiva e idealizada do ambiente humanizado); Paisagem (ideia de palimpsesto e sedimentação de estruturas na definição do ambiente construído contemporâneo); Geografia (valorização e promoção do património cultural segundo redes à escala transregional e internacional). A partir de cada uma dessas 5 áreas procurar-se-á mapear e localizar personagens, eventos e artefactos descritos, tanto no espaço como no tempo, construindo e articulando níveis de informação sobre os lugares relatados no passado e no presente. Um compromisso que, porventura, se poderia ainda expandir a outros campos disciplinares, dada a amplitude de informação contida nas fontes primárias, onde, para além da História (na sua assunção geopolítica, económica, institucional e administrativa, etc.) e da Arquitetura (nas diferentes dimensões que lhe são implícitas – paisagem, cidade, morfologia urbana, património, representação e iconografia), se incluiriam a arqueologia, a agricultura, a indústria, a gastronomia ou mesmo a música e etnografia. Contudo, tal constituiria, nesta primeira fase, uma dispersão de esforços que retiraria folego e capacidade de concentração à necessária base de reconhecimento traçada.

Embora direcionando a nossa atenção para o percurso português da Viagem, nem este nem o percurso europeu foram totalmente analisados, apesar da qualidade das fontes documentais e do significado cultural do evento. No que diz respeito à rota nacional, as vedutas de Baldi são, apesar da publicação inaugural de Sanchez & Sanchez (1933), muitas vezes publicadas para ilustrar lugares (Estrela, 2013). No entanto, nenhum estudo explorou esses documentos desde os domínios da historiografia urbana e cultural, muito menos através dos domínios da paisagem, nem da representação arquitetónica e do desenho. Na mesma ordem, tanto as *vedute* como os manuscritos foram analisados na íntegra tendo em conta o enquadramento espacial relatado e os confrontos culturais entre o visitante italiano e os anfitriões lusitanos. Ainda assim, estudos anteriores partiram do diário de Magalotti para relatar a viagem, ou avaliar o contexto diplomático português (Radulet, 2003; Garcia, 2017). No entanto, na Europa, os primeiros estudos centraram-se na transcrição e tradução do Diário, nomeadamente no que diz respeito à rota irlandesa e britânica (Crinò, 1968), à passagem do Príncipe por França (Doglio, 1991), a formação de uma coleção cartográfica a partir dos contactos nos Países Baixos (Cattaneo – Corbellini, 2019), ou a peregrinação a Santiago de Compostela, (Guzmán, 2015). Estudos a partir dos quais se acumularam contribuições para a compreensão desta Viagem. Contudo, tal base documental permanece ainda com muitas lacunas por explorar e que permitirão avaliar a paisagem construída e política europeia do século XVII.

No entanto, o ensaio exploratório sobre uma das *Veduta* de Baldi (Cabeleira, 2016), posteriormente ampliado em 2019 tratando um trecho mais amplo da jornada, trabalhando já o cruzando entre fontes escritas e desenhadas na forma de quadros sinóticos, testou a abordagem metodológica e instrumental preconizada pela presente proposta de investigação: uma análise aprofundada das fontes documentais, proporcionando uma visão crítica do enquadramento cultural, arquitetónico e paisagístico do século XVII; a descoberta das qualidades gráficas e documentais das *vedute*, um género escasso em Portugal; e a definição de referências para uma visão diacrónica que permita estudar a evolução da paisagem e ambiente edificado portugueses.

Neste encaixe, o primeiro ensaio (Cabeleira, 2016) corresponde à análise de uma das *vedute* de Pier Maria Baldi (neste caso a da cidade de Santarém) avaliando qualidades do desenho, conteúdos gráficos, valências documentais, possibilidades de trabalho, ao mesmo tempo que testa opções metodológicas e averigua acerca da necessidade de recursos (nomeadamente a geração de arquivo iconográfico que permita confirmar dados do desenho e alimentar a análise diacrónica do lugar). Já uma segunda aproximação à proposta, e que aqui se apresenta, procedeu-se à delimitação de uma linha temporal (construída em jeito de arquivo iconográfico anotado) que, partindo da imagem dos lugares visitados, enceta o cruzamento entre os dados das fontes gráficas e escritas. Deste teste emergiu a necessidade de identificar fontes locais, nomeadamente de documentação que desse a ver a viagem do príncipe toscano a partir do olhar do visitado.

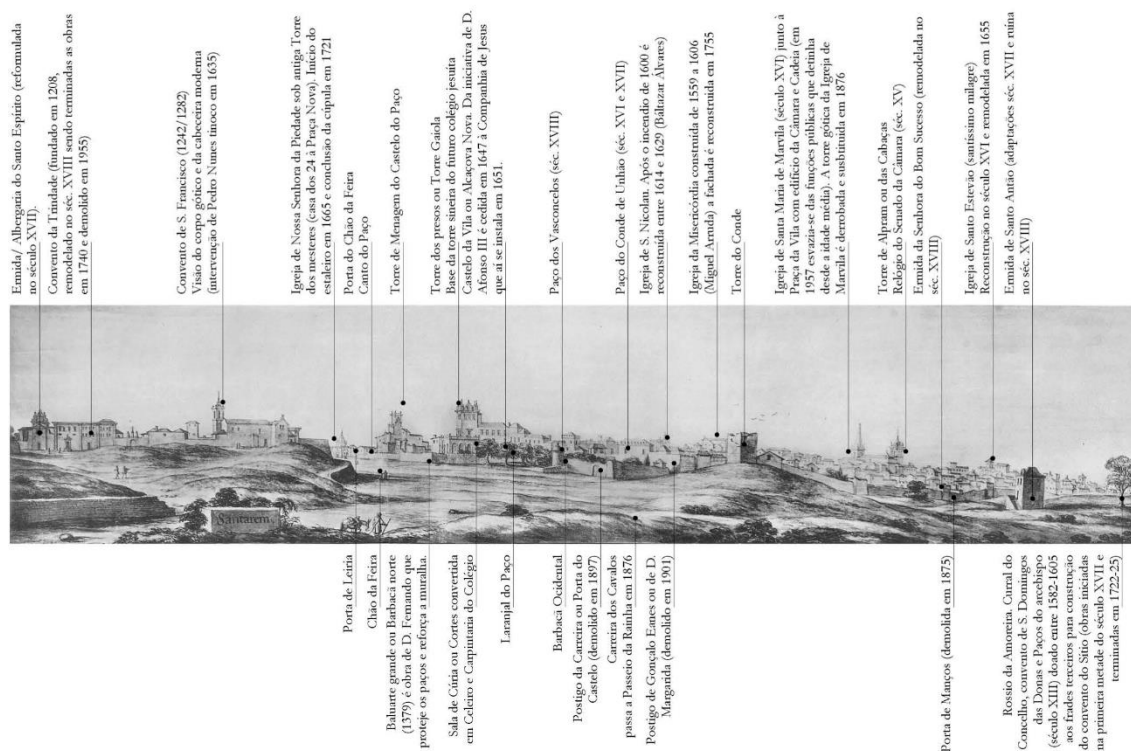


Fig. 2: Painel de reconhecimento dos factos arquitetónicos representados aquando do 1º ensaio na análise da *Veduta* de Santarém delineada por Pier Maria Baldi.

Nesta sequência, aquilo a que o presente artigo se propõe é expor sumariamente este cruzamento entre os registos gráficos de Baldi e os escritos de Magalotti e que, futuramente, se ampliará através da consideração dos demais acervos documentais.

Uma exploração que se concentra numa primeira parte do trajeto de Cosme III por território português, compreendido entre o seu ingresso por Campo-maior e a estadia em Lisboa.

2. A linha de fronteira

No encaixe do percurso do príncipe, a sua entrada em território nacional faz-se por Campo Maior a partir de Badajoz. É desse lugar a primeira *Veduta* de terras lusas, representando a vila raiana a partir de sul (já no caminho para Elvas), e incluindo aí as armas de Portugal e da Vila. Na imagem figura o próprio Pier Maria Baldi que, retratado de costas e sentado em colina sobranceira à vila, parece tomar notas para o desenho que, a rigor, será apenas terminado aquando do seu regresso a Florença. Esta inclusão do desenhador reivindica, por um lado, a autoria do desenho e, por outro, confere “veracidade” às anotações

realizadas, de acordo com a ideia moderna de observação científica e objetiva do natural.

Do ingresso em Portugal, as *Relazione* de Magalotti destacam a clareza da linha de fronteira, salientada pela quantidade de azinheiras, o que distingue a paisagem que agora se percorre da aridez observada ao longo do percurso pela estremadura espanhola. O mesmo autor aponta ainda a amplitude da paisagem caracterizada por vales pouco profundos e terras ora baldias, ora cultivadas com cereais, e cuja guerra arrasou vinhas e olivais. Uma amplitude presente na *veduta* de Campo Maior, cujo perfil urbano se caracteriza pelas imponentes fortificações modernas que cintam todo o burgo, a par do forte de São Pedro, do lado nascente da vila.

Dando notícia da visita do príncipe à fortificação, Magalotti descreve com frequência as estruturas defensivas (não sendo necessariamente o caso em relação a Campo Maior), tecendo discursos críticos acerca da sua eficácia, robustez e desenho. Este é um assunto na ordem do seu tempo, já que é tomado como um dos principais fatores na demonstração da capacitação científica de um povo, bem como do seu engenho e competência construtiva. Porém, e apesar de em relação ao caso de Campo Maior não haver essa abordagem, é o que se verifica nesta vila em cujas obras da fortificação, conseqüentes às necessidades ditadas pelos 28 anos de guerra pela restauração da coroa portuguesa (1640-1668), contaram com a participação do engenheiro-militar francês Nicolau Langres⁸ e, posteriormente, com a do português Luís Serrão Pimentel⁹.

⁸ Nicolau Langres (?-1665) assume, no contexto da Restauração portuguesa (1640), e face à exigência de modernização das estruturas defensivas raianas, o convite para servir no exército português em 1644 sendo elevado, por D. João IV, a Coronel Superintendente dos Engenheiros em 1648. Em relação a este, e além da sua obra construída, destaca-se o álbum *Desenhos e plantas de todas as praças do reino de Portugal / pelo tenente-general Nicolao de Langres, francez, que servio na guerra da Acclamação* (Cod. 7445. Biblioteca Nacional, Lisboa).

⁹ Luís Serrão Pimentel (1613-1679) é um militar português que ocupada os cargos de Cosmógrafo-mor (informalmente desde 1641 e oficialmente a partir de 1644), bem como o de Engenheiro-mor do Reino (1671). No contexto da Restauração intervém nas fortificações de Évora, Estremoz, Mourão, Portalegre, entre outras, e em 1647 funda, por solicitação régia, a "Aula da Matemática" ou "Aula de Fortificação e Arquitetura Militar", onde lecionou Matemática, Navegação e Arquitetura militar. É considerado uma das figuras mais relevantes no contexto da arquitetura militar do século XVII, e do qual se publica, postumamente, o *Méthodo Lusitânico de desenhar as Fortificações das Praças Regulares e Irregulares* (1680).



Fig. 3: Passagem da comitiva de Cosme III de Médici por Campo Maior (9 de janeiro de 1669). 1º ensaio gráfico no cruzamento das *vedute* e *relazione*, para a construção de linha temporal.

Retomando o percurso, rumo a Elvas, Magalotti deposita a sua atenção na orografia do lugar: garganta de montanha cultivada e frutífera, com robustas casas de camponeses, algumas das quais com muitos limões, laranjas e frutas de diversos tipos. Porém o maior destaque é dado aos olivais “os mais formosos e maiores alguma vez vistos”, e que no manuscrito Corsini se complementa com a indicação de que as azeitonas são tão grandes que é difícil de as partir¹⁰. Neste caminho há também referência à escolta que acompanha o séquito do príncipe toscano, desde o convento de S. Domingo, até Elvas onde é recebido na casa do Bispo. Dando apontamentos do percurso, bem como sobre quem o recebe e o protocolo seguido, a par das iguarias da despensa servidas em “dezoito ou

¹⁰ Para estas citações de Magalotti e Corsini recorreu-se à edição da tradução para castelhano das *Relazione ufficiale*. Magalotti, Lorenzo (1669), ‘*Relazione ufficiale*’, 1669. In Jiménez, Davide – Molledo, José (2018), *Viaje de Cosme III de Médici por España y Portugal (1668-1669)*, Madrid: Miraguano Ediciones. Contudo, tenhamos presente que no projeto identificado é ambição levar a cabo uma tradução crítica do manuscrito de Lorenzo Magalotti para português. Um dos principais resultados do projeto, que visa reunir as duas principais fontes primárias a par de ensaios críticos (escritos e desenhados), evidenciando a viagem através da paisagem / ambiente construído e contextura cultural. Magalotti, 1669, p. 285.

vinte pratos”, é possível mapear o percurso do príncipe, caracterizar espaços, identificar contactos e formalidades aplicadas, de acordo com objetivos da investigação proposta: reconhecer a ação da viagem, nas suas variadas dimensões, enquadrando-a espacialmente.

3. *Entrada em Elvas e relações com a Casa Professa*

Estando Cosme III de Médici, a 10 de janeiro de 1669, em Elvas, este visita a cidade referindo-se nas *Relazione* as obras da cisterna e do aqueduto, a par da visita à Sé, à igreja das monjas de S. Domingo, e às fortificações da cidade, nomeadamente ao forte de Santa Luzia. No mesmo dia reúne-se o Príncipe com o Reitor do Colégio jesuíta da cidade, um encontro que marcará significativamente o percurso e logística da viagem.

Desconhecendo-se ao certo os preparativos na organização desta empresa, dever-se-á pensar na rede de relações e logística necessárias a uma viagem desta envergadura, em 1668-69, onde, além do príncipe, se desloca todo o seu séquito, constituído por diplomatas, nobres e criadagem. Neste sentido, e não estando ainda escrutinadas provas documentais dessa preparação, não se deverá descartar a importância de redes de relação, como as possibilitadas pela Casa de Jesus, ao tempo a rede de circulação e intercambio de maior amplitude. Considerações em aberto na investigação, mas cuja hipótese deverá orientar a recensão de documentação primária. Existirá documentação relativa aos preparativos da viagem? Haverá documentação portuguesa dando notícia da passagem do príncipe toscano? Frentes que permitirão, por um lado, compreender relações, preparativos e ideias prévias em relação à viagem e aos lugares a visitar, como, por outro, ler a viagem a partir da perspectiva do visitado, amplificando o olhar e conseqüente compreensão do evento.

A consideração de relações com a Casa Professa é fortalecida numa primeira leitura do documento de Magalotti (nomeadamente através da permanente menção a membros da ordem com que Cosme se encontra, ou ainda, relativamente à sua estadia em casas inacianas), e, simultaneamente, pelo material iconográfico produzido por Baldi (que comumente evidencia a dimensão destas casas entre a mole urbana, senão mesmo, em muitas situações, são colocadas ao centro da imagem). Neste caso, do encontro do príncipe toscano com o Reitor do Colégio Jesuíta de Elvas, resulta a cedência das casas jesuítas de Vila Viçosa e Évora onde o príncipe se hospedará.

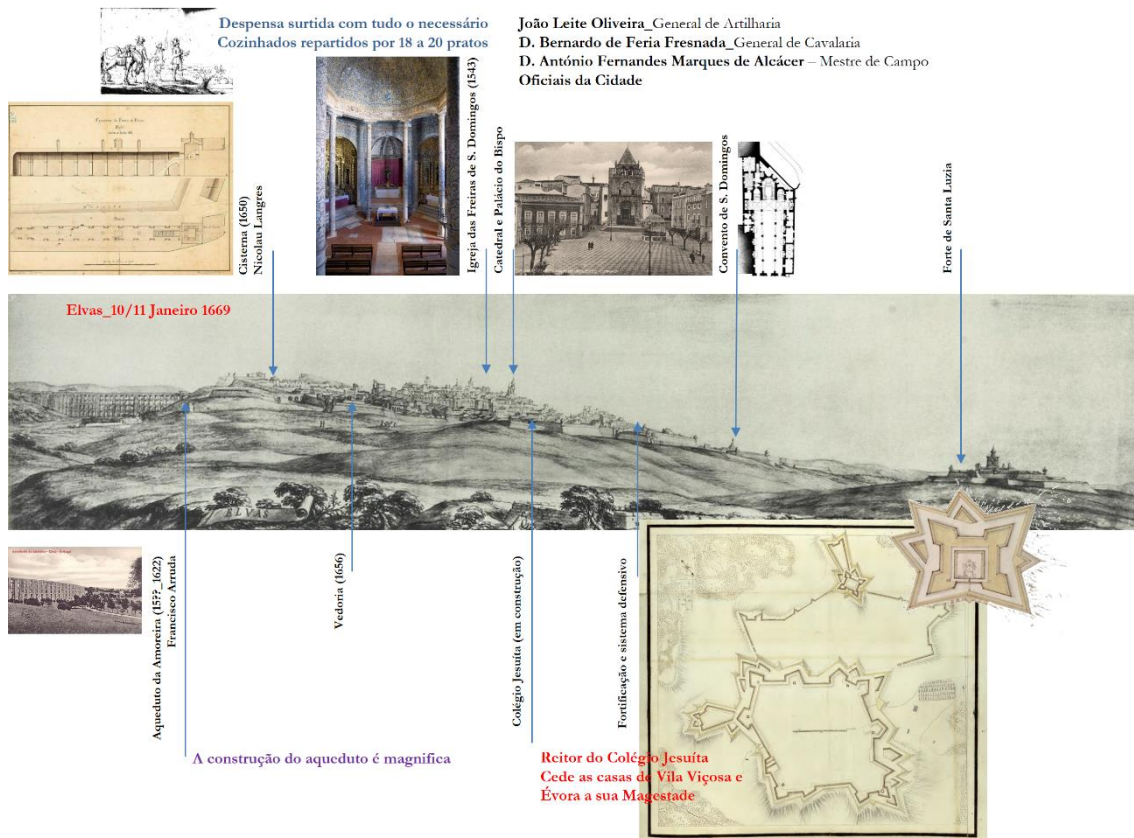


Fig. 4: Passagem da comitiva de Cosme de Médici por Elvas (10 de janeiro de 1669), mapeando lugares visitados, personagens contactadas e principais questões de reflexão.

Da visão de Magalotti sobre Elvas, destaca-se a referência a infraestruturas militares, bem como o aqueduto e cisterna, classificados de construção magnífica¹¹. Contudo, refere que “Dentro da cidade, excetuando a Sé e as construções da parte alta, não encontramos construções de grande valor” (Magalotti, 1669, p. 289). Denota-se daqui um olhar que, malgrado o carácter chã e vernacular do ambiente construtivo e urbano coevo, evidencia as diferenças entre os contextos espaciais e formais do visitante italiano e o da realidade concreta visitada. O mesmo tipo de situação se verifica em relação a outros exemplos de arquitetura, como, em etapa mais adiantada da viagem, em relação ao Colégio e Universidade dos jesuítas em Évora, o Colégio do Espírito Santo, do qual se afirma que o mérito da construção “...consiste por completo na amplitude, não na arquitetura, nem na correspondência das suas peças” (*Ibi*, p. 298). Uma crítica reativa ao pragmatismo chã da arquitetura portuguesa coeva face ao ambiente classicista e erudito toscano.

¹¹ A estrutura é também amplamente elogiada e descrita em maior detalhe no manuscrito Filippo Corsini, obra em depósito no Archivio di Stato de Florença (Fondo Mediceo del Principato 6387).

Contudo, e aparte a avaliação da qualidade espacial e formal do quadro arquitetónico e urbano português pelo olhar italiano, não esqueçamos que uma visão mais ampla e fidedigna do observado só se poderá esclarecer no cruzamento de diferentes registos desenhados e escritos produzidos pelo séquito do príncipe. É, por exemplo, o que se deteta aquando da descrição do Paço da Casa de Bragança em Vila Viçosa. Magalotti refere o Paço como obra incompleta na sua terceira ordem, detetando-se o mesmo no desenho de Baldi. Contudo, no manuscrito de Corsini o edifício é descrito como objeto completo. Uma situação, que podendo evidenciar distintas formas de olhar (uma mais objetiva e outra mais prospetiva), principalmente tendo em conta a maior atenção dada à arquitetura e capacidade de previsualização da obra no espaço, como trespassa do discurso de Corsini, deverá ser ainda cruzada com a cronologia do edifício.

Chegando a Évora, e mais uma vez atentando ao ponto de vista eleito por Baldi, o desenhador não revela obediência à visão canónica da cidade coincidente com aquela tomada a partir do seu principal acesso, a visão a partir de poente coincidente com a da estrada proveniente de Lisboa. A escolha de Baldi recai sobre visão da cidade a partir de nascente, coincidente com a experimentada pela comitiva de Cosme aquando da sua chegada pela estrada de Estremoz, e, simultaneamente, aquela confere maior destaque ao conjunto da Igreja, Colégio e Universidade Jesuíta. Este é aliás o lugar onde o príncipe fica hospedado e que, como tal, se posiciona de modo dominante dentro da *veduta*. Uma opção que não surge de modo isolado, já que em outros casos (como nas *vedute* de Setúbal e Santarém) é tomado como critério estruturante na eleição do ponto de vista e enquadramento gerado.

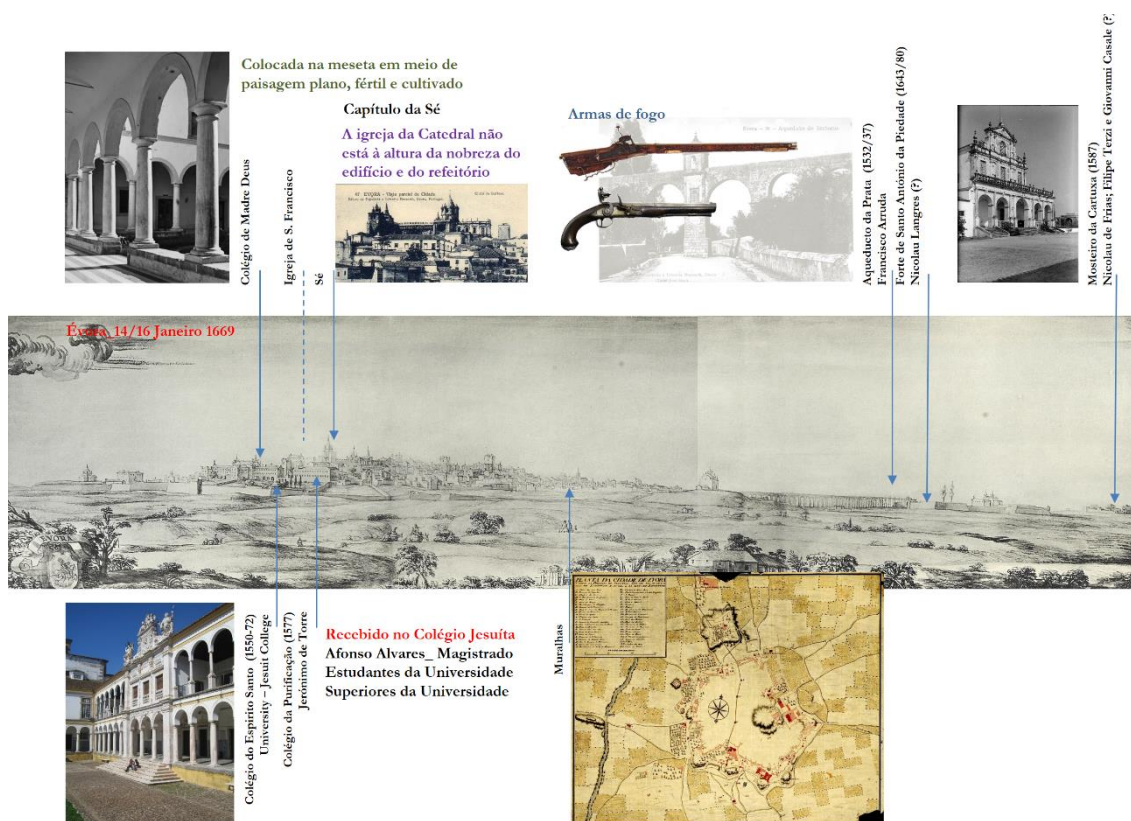


Fig. 5: Dados da passagem da comitiva de Cosme de Médici por Évora (14 e 15 de janeiro de 1669), com identificação dos lugares visitados, personagens contactados e principais questões alvo de reflexão.

4. Do interior ao litoral atlântico

A visão da paisagem portuguesa de seiscentos não se reduz, nas fontes documentais, à visita e reconhecimento de centros urbanos como Campo Maior, Elvas, Vila Viçosa, Estremoz e Évora. Guiando-nos pelas *vedute* de Baldi, o olhar abre-se ao espaço aberto da paisagem extramuros dando a ver porções do mundo rural, ou de estalagens e fontes que servem de marcação e suporte ao percurso entre cidades.

Partindo de Évora em direção a Lisboa, descortinamos lugares como Venda de Patali (na estrada de Évora a Montemor), Venda de Pilhafan e Alandeira (já a caminho de Setúbal), ou Aldeia Galega (antecedendo o embarque para cruzar o estuário do Tejo a caminho de Lisboa). Contudo, acerca destes lugares o registo escrito é reduzido, como as duas linhas acerca de Patali falando de “caminhos desiguais e selvagens somente abundantes em sobreiros” (*Ibi*, p. 300). Ou, a propósito de Pilhafan, um lugar “desigual, árido, estéril e desabitado” (*Ibidem*). Ainda assim, há episódios caricatos, como na paragem na taberna de Venda de

Patali onde, segundo o diário privado de Magalotti, a comida servida seria tão má que todo o séquito se viu obrigado a improvisar e cozinhar no campo as poucas provisões de que dispunha.



Fig. 6: Pontos de paragem no percurso de Évora a Lisboa (15 a 20 de janeiro de 1669).

Esta visão da paisagem rural permite, tirando partido de todas as dimensões incluídas no acervo documental identificado, reconhecer o tipo de relevo, o tipo de coberto vegetal (ainda que em muitos casos as árvores desenhadas correspondam a recurso gráfico do autor em detrimento de uma sua representação objetiva), a configuração de construções vernaculares, ou mesmo indícios sobre a atividade agrícola.

O registo de atividades produtivas é um aspeto essencial do diário, atestando o intuito comercial e diplomático por detrás da viagem, explorando-se oportunidades de relação entre o grão-ducado toscano e a coroa portuguesa. Evidência disso é a referência à produção agrícola no território envolvente a Elvas, “Elvas encontra-se no cimo de uma colina e a sua parte posterior está coberta de grandes olivais (...) que dotam a zona de uma grande produção de azeite, o qual é o mais famoso de Portugal” (*Ibi*, p. 288), ou a manufatura de armas em Évora, “Particularmente em Évora, trabalham-se armas de fogo. São muito estimadas pela sua elegância, com retoques de ouro e prata sobre um púrpura muito vivo” (*Ibi*, p. 299). Por outro lado, em Setúbal refere-se nas *Relazione* as salinas, “Todo o comércio e riqueza de Setúbal é o Sal” (*Ibi*, p. 302), a pesca, “abundante ali em todo o mar com muitos e grandes peixes, que envia para todo o reino” (*Ibi*, p. 304), e a atividade mercantil do porto desta cidade, “além de isto [a pesca] e do Sal, envia outras quantidades de mercadorias como vinho, azeite, laranjas, cortiça e juncos, das quais se vende sempre algo quando os barcos veem carregar sal” (*Ibidem*).

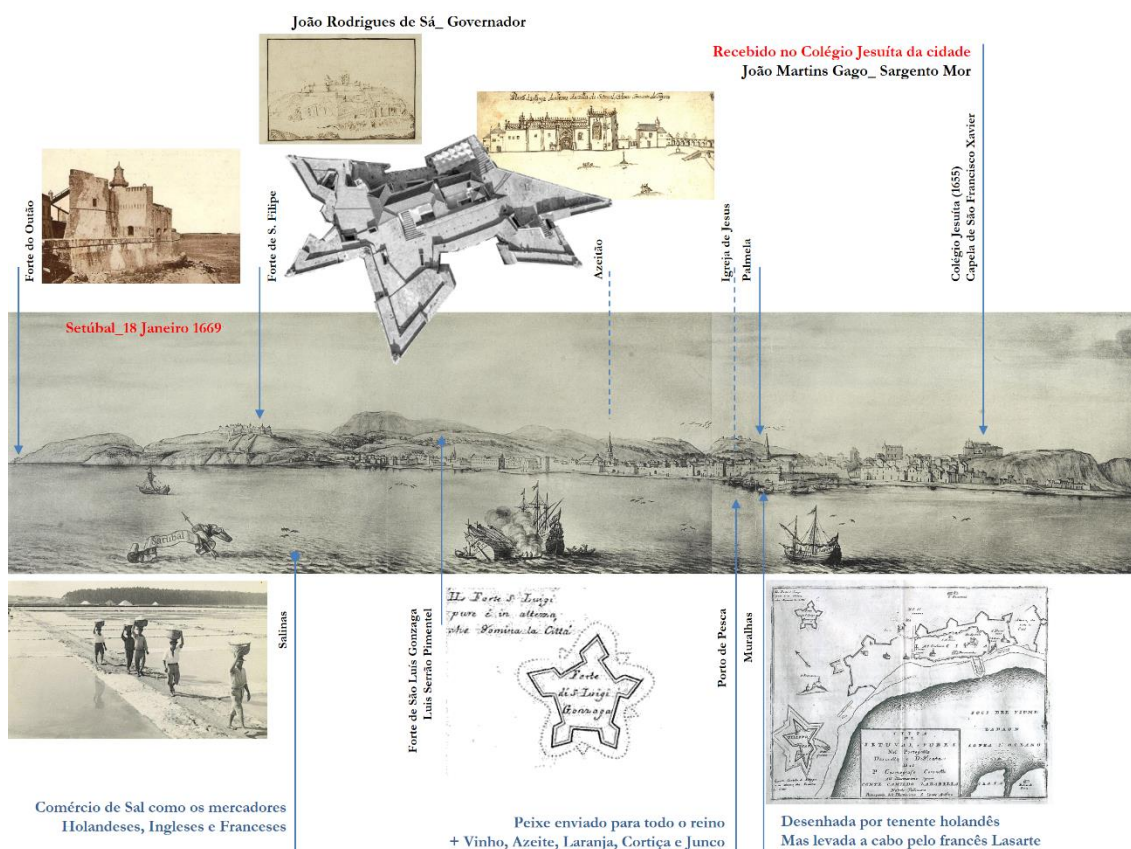


Fig. 7: Dados da passagem da comitiva de Cosme de Médici por Setúbal (18 de janeiro de 1669).

Partindo em direção a Lisboa, segue por Palmela e Azeitão através de caminho “plano, arenoso e com muitos pinheiros” (*Ibi*, p. 306). Antes de atravessar o Tejo a comitiva para na Aldeia Galega (topónimo coevo do atual Montijo) descrita como “terra muito pobre sobre a margem esquerda do tejo, onde se encontra o barco de ligação a Lisboa” (*Ibidem*). Daí o séquito do Príncipe embarcará em dois bergantins, ao amanhecer do dia 20 de janeiro de 1669, e, já em Lisboa, Cosme é recebido por comerciantes florentinos que o hospedam na rua de Alcântara perto do Mosteiro da Esperança¹². Lugar a partir do qual se organiza todo o programa de audiências e visitas à comunidade italiana fixada em Lisboa, a embaixadores estrangeiros e um sem número de instituições e personalidades portuguesas.

Na sequência do observado até este ponto da viagem, Magalotti aprofunda o reconhecimento sobre o *modus vivendi* local, descrevendo usos e costumes, bem como as instituições da capital do império, a par da sua economia, centros de

¹² Esta corresponde atualmente à Rua Janelas Verdes, no bairro da Madragoa, próximo ao Convento de Nossa Senhora da Esperança (demolido no século XIX para abertura da avenida D. Carlos I). A identificação da rua e palácio é explorada por Garcia (2017, pp. 195-214).

ensino e organização da coroa e da igreja, dando uma visão geral do país. Simultaneamente descreve características mais prosaicas como aquilo que se come, por exemplo as iguarias com que o príncipe toscano é presenteado nas diferentes casas onde é recebido, ou as canções tocadas em saraus musicais, a par do modo como as pessoas se mostram e relacionam.

5. *Chegada a Lisboa*

Acerca da chegada de Cosme a Lisboa, encontramos nota do Beneditino, Frei Alexandre da Paixão, que refere:

Nestes dias chegou o Príncipe de Florença à Corte onde foi recebido com as demonstrações que se lhe deviam. Não se aposentou no quarto que se tinha composto no mosteiro de São Bento por ordem de S.A., senão numas casas que diziam que por sua causa se prepararam os italianos em Mocambo, as quais foram de Fernando Teles (Paixão, 1939, pp. 119-121).

De facto, o príncipe instala-se em residência preparada por membros da comunidade italiana de Lisboa, presumivelmente o Palácio do Visconde de Asseca à Rua das Janelas Verdes¹³. Contudo, tendo chovido nos primeiros três dias, recebe aí mensageiros das mais variadas casas e figuras de estado organizando o plano de vistas e audiências, de que se destaca aquela com o Príncipe Regente de Portugal, a par de encontros com figuras incontornáveis como o Engenheiro Luís Serrão Pimentel (cosmógrafo-mor do reino), ou o Padre António Vieira (destacado Jesuíta nas letras e pensamento coevos).

Logo na primeira tarde, e após a receção organizada pelos comerciantes florentinos, Cosme recebe o secretário do Cardeal Orsini, Marco Bani, a par de comerciantes genoveses e o cavaleiro Southwell, enviado de Inglaterra. Um programa que, do ponto de vista das relações diplomáticas foi sumariamente explorado por Garcia (2017), mas que aqui será abordado a partir do seu enquadramento espacial. Deste modo, e respondendo aos objetivos delineados pelo projeto, levanta-se informação essencial ao mapeamento dos percursos do príncipe na cidade de Lisboa, incluindo a visita a edifícios notórios (percorrendo distintas escalas do ambiente construído) e que, mais

¹³ “Tal moradia corresponderá ao palácio do visconde de Asseca, como nos foi sugerido por Hélder Carita. O primeiro Visconde da Asseca foi Martim Correia de Sá e Benevides Velasco (1639-1678), filho de Salvador Correia de Sá. Essa casa foi alugada pelos negociantes florentinos estabelecidos na capital portuguesa chamados Filippo di Sangallo e Giovan Francesco Poltri.” (Garcia, 2017, p. 202).

particularmente, permite reconhecer espaços e seus modos de apropriação, na Lisboa pré terramoto de 1755.

Do programa oficial descrito por Magalotti consta, além da visita a 22 de janeiro ao vizinho convento das carmelitas descalças¹⁴, o almoço do dia 23 em casa de cidadão português na Rua Nova dos Mercadores (centro nevrálgico da cidade ao longo de toda a era moderna), para ver passar a procissão em ação de graças do parto da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboi¹⁵. Particularmente interessante é a descrição da procissão no que se refere ao dossel que abrigava a relíquia da Santa Cruz, aos estandartes e carros das diferentes Artes, a par dos hábitos, adornos, máscaras e instrumentos, ou aparatos cenográficos, que a acompanhavam.



Fig. 8: Visitas e contactos de Cosme de Médici em Lisboa entre os dias 20 e 23 de janeiro de 1669.

¹⁴ O Convento de Nossa Senhora dos Remédios, fundado em 1608.

¹⁵ O nascimento da Infanta D. Isabel Luísa Josefa de Bragança que teve lugar a 6 de janeiro de 1669.

No mesmo dia 23 terá passado pela Sé, e no dia 24 pela igreja italiana do Loreto, contudo, neste momento, os espaços não são alvo de particular atenção. Tendo em conta a relevância da igreja do Loreto, como cerne da comunidade italiana em Lisboa, o manuscrito de Corsini refere-a como construção “muito grande, toda com incrustações de mármore policromados, que vindo a sua maioria de Génova, e a arquitetura é razoável” (Magalotti, 1669, p. 311)¹⁶.

Maior relevo é dado à visita de Sua Alteza à Casa professa de S. Roque, bem como ao noviciado da Cotovia, onde é recebido por Manuel Fernández, confessor do príncipe D. Pedro. O mesmo destaque é dado à visita do dia 24 ao Colégio de Santo Antão, o que evidencia a importância das relações com a Casa Professa e, neste caso particular, o interesse neste Colégio que é à época o mais notável centro científico nacional. Uma visita onde, a par da receção por António Vieira e pelo Reitor do Colégio, Cosme contacta com o Padre Jerónimo Lobo que relata a suas experiências em “umas e outras Índias” (*Ibidem*), ou seja, na Etiópia e na Índia. Um encontro que, à semelhança de um outro no dia 22 com três capuchinhos que haviam estado no Congo (*Ibidem*), demonstra a curiosidade do príncipe pelos relatos de *viagem*, bem como o seu desejo na recolha de informação sobre as paragens e riquezas dos territórios ultramarinos.

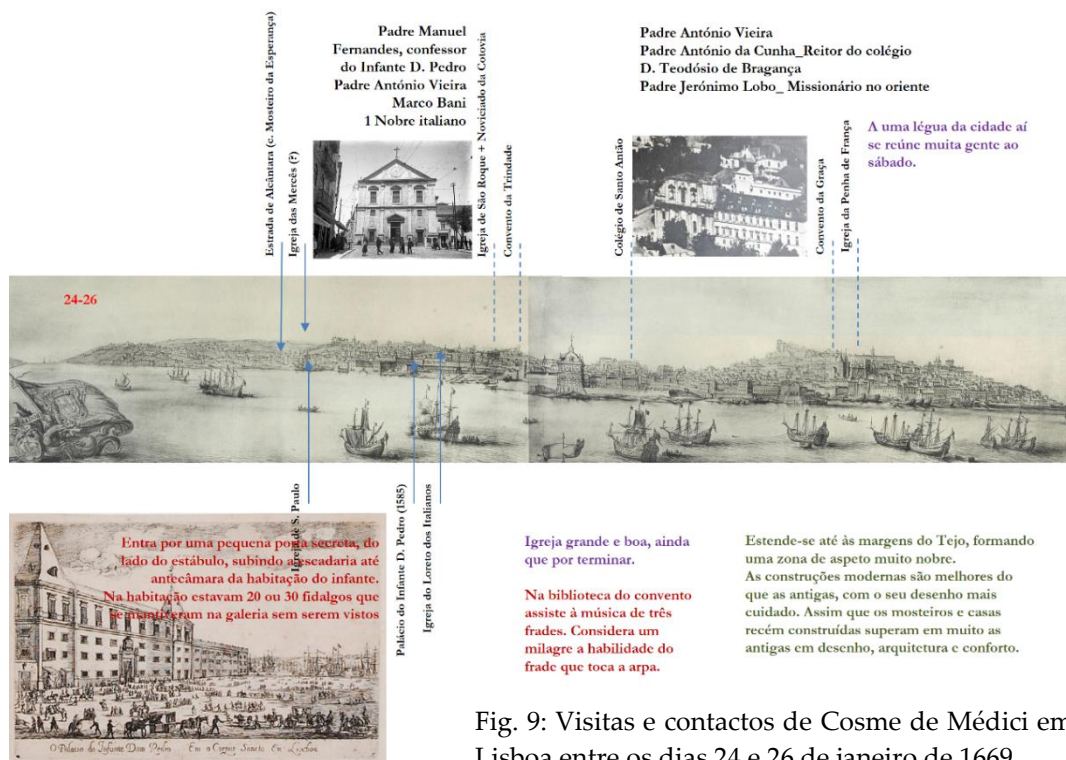


Fig. 9: Visitas e contactos de Cosme de Médici em Lisboa entre os dias 24 e 26 de janeiro de 1669.

¹⁶ Corsini, aponta ainda no seu manuscrito o facto de esta ser uma obra inacabada na sequência de incêndio ocorrido em 1651.

Na sequência desta visita, Cosme recebe enviado com confirmação de audiência junto de Sua Alteza, o Sereníssimo Infante Pedro de Portugal (futuro Rei D. Pedro II), no seu Paço, o Palácio Corte Real na margem do Tejo. Desta visita sobressai a narração do protocolo seguido, bem como a descrição dos espaços percorridos no interior do paço do Infante. Assim, é dada notícia de que Cosme de Médici é recebido sem as diligências oficiais, entrando no Paço por “pequena porta secreta que dá para o estábulo” onde é esperado pelo filho do Conde de Prado, acompanhado por moços de Guarda-roupa e de Câmara que seguravam 16 tochas. Daí, tomou a escada que o levou a antessala, diante da Câmara do príncipe, na qual se encontravam “vinte ou trinta cavaleiros da fidalguia portuguesa” convocados nessa tarde para a corte. A meio desta antessala é recebido pelo Conde de São João que o conduz a antecâmara, imediatamente antes dos aposentos do infante português e nos quais entrará após o correr de cortina. Um encontro rápido, de “um oitavo de hora” (*Ibi*, p. 312), obedecendo a saída do Paço ao mesmo protocolo (acompanhado primeiramente pelo Conde de São João e depois pelo filho do Conde de Prado) e sequência espacial (aposentos, antecâmara, antessala, escada, estábulo e porta). Esta informação, a ser cruzada com a documentação gráfica do Paço do Infante, permitirá, no correr do projeto de investigação, mapear o percurso do príncipe toscano e, simultaneamente, identificar e localizar no espaço os diferentes personagens com que este se cruza.

No dia seguinte, a propósito da ida à Igreja da Penha de França, o relato é mais abundante quanto à localização do edifício, “a uma légua da cidade”, ao culto, “Imagem muito venerada”, e aos fiéis que aí se deslocam, “ao sábado é lugar em que se reúne muitíssima gente”, bem como à comunidade que o habita, “vinte frades de Santo Agostinho” e ao espaço arquitetónico: “A igreja tem três naves; no altar-mor sobre a mesa tem uma caixa de cristais de ébano, prateados (que se afirma terem vindo da Índia) o Santíssimo Sacramento, fechado em pequena caixa de ouro” (*Ibidem*). De facto, é aqui relevante a identificação da configuração espacial do templo, constituído por três naves¹⁷, distante do espaço atual, conseqüente a reconstrução da igreja após o grande terramoto¹⁸, de planimetria poligonal conforme a tradição do barroco nacional.

No mesmo dia, visita a igreja de S. Paulo, aos banhos de S. Paulo, da qual não há qualquer descrição, e a igreja da Trindade, caracterizada como obra

¹⁷ A construção descrita corresponde à obra concluída em 1635, segundo desenho do arquiteto régio Teodósio de Frias (c. 1555-1634).

¹⁸ A atual construção é obra do arquiteto Aires da Cunha com posterior intervenção de Caetano de Sousa (1742-1802), iniciada em 1756 e concluída em 1788.

“grande e boa, ainda que inacabada” (*Ibi*, p. 313), aproveitando para percorrer o respetivo convento e biblioteca onde assiste a atuação musical de três frades.

No dia 27, sua Alteza assiste à procissão de transladação do corpo de Santa Eufémia da igreja da Trindade para a dos Teatinos. Apesar de nas *Relazione* não se apontar o percurso da procissão, mas que certamente outras fontes o permitirão reconhecer e materializar graficamente sobre o plano da cidade, o diário refere que Cosme assiste ao evento a partir da casa de Otávio Ximenez (personagem e localização que carecem igualmente de identificação adensando o mapeamento perseguido)¹⁹. Contudo, a descrição do cortejo da procissão é bastante pormenorizada referindo-se a presença de fidalgos e de regimentos dos distintos bairros da cidade, a par de grupos de mulheres dançando com arcos decorados com flores e máscaras.



Fig. 10: Visitas e contactos de Cosme de Médici em Lisboa entre os dias 27 e 28 de janeiro de 1669.

Na intenção de ampliar e consolidar uma análise diacrónica dos espaços visitados, é significativo o relato da ida do príncipe toscano à Cidade Real de

¹⁹ Este é ainda mencionado aquando do almoço, no dia 4 de fevereiro, na vila de Belém do Conde de S. Lourenço, e no dia 9 de fevereiro, acompanhando o príncipe e respetivo séquito na fragata que os conduz a Belém e ao forte de S. Julião da Barra.

Alcântara. Uma visão do vale de Alcântara muito distante da atual, profundamente transformado nos séculos XIX e XX na consequência do desenvolvimento e instalação de indústrias. Por oposição, no século XVII, o vale é referido como pequena vila bucólica cujo carácter advém da profusão de humildes construções, hortas e jardins em terraço, a partir dos quais se vislumbra ao longe o mar, enquanto nos campos circundantes, apesar da carência de água, se veem “videiras, arbustos, ervas silvestres, laranjeiras e limoeiros que por todo o país se encontram pelos bosques em campo aberto” (*Ibi*, p. 314).

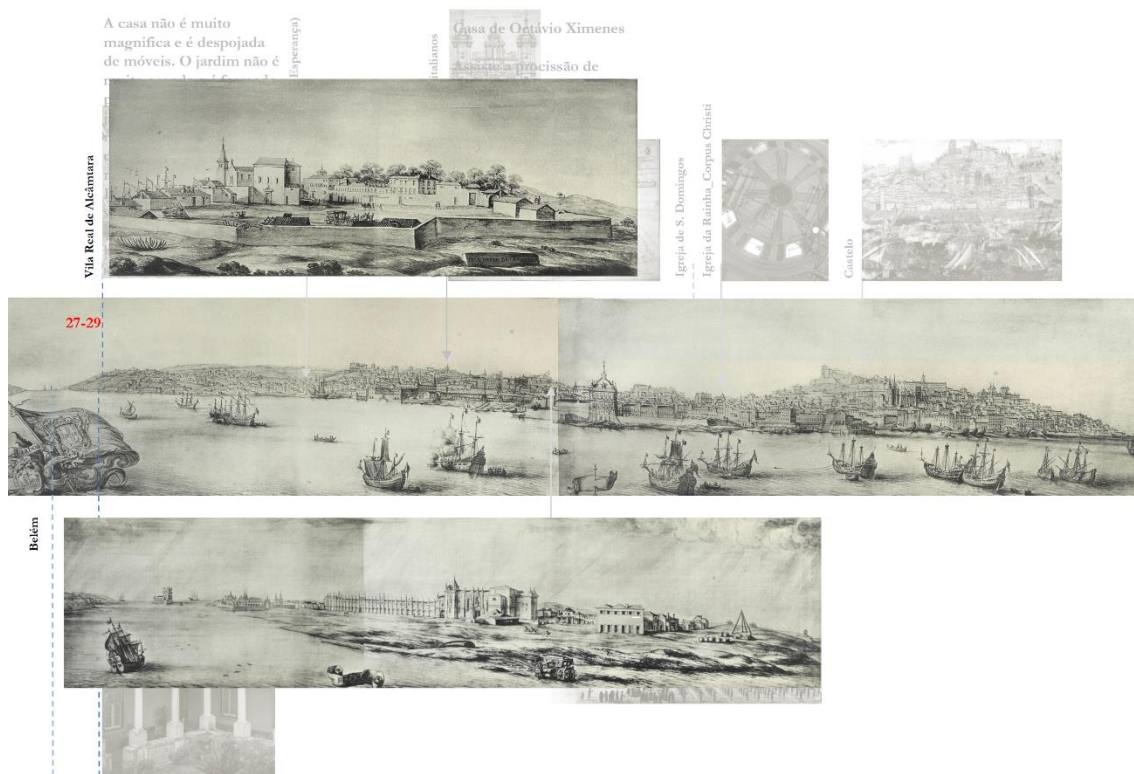


Fig. 11: Visitas de Cosme de Médici à Vila Real de Alcântara e Belém a 27 e 4 de fevereiro de 1669.

De regresso à cidade, no dia 28, Cosme visita a Igreja de S. Vicente de Fora, sobre a qual Corsini aponta a sua grandeza, apesar da obra estar ainda em curso, e as avultadas contribuições dos Duques de Bragança que, na sequência da deposição do túmulo de D. João IV, instalam aí o seu mausoléu familiar. No mesmo dia, visita o Castelo de S. Jorge do qual se aponta somente que regimentos se encontram aí alojados. Descrição mais substancial do castelo é oferecida por Corsini, que escreve acerca da situação orográfica do castelo, da robustez das muralhas e da organização militar (*Ibi*, p. 315).

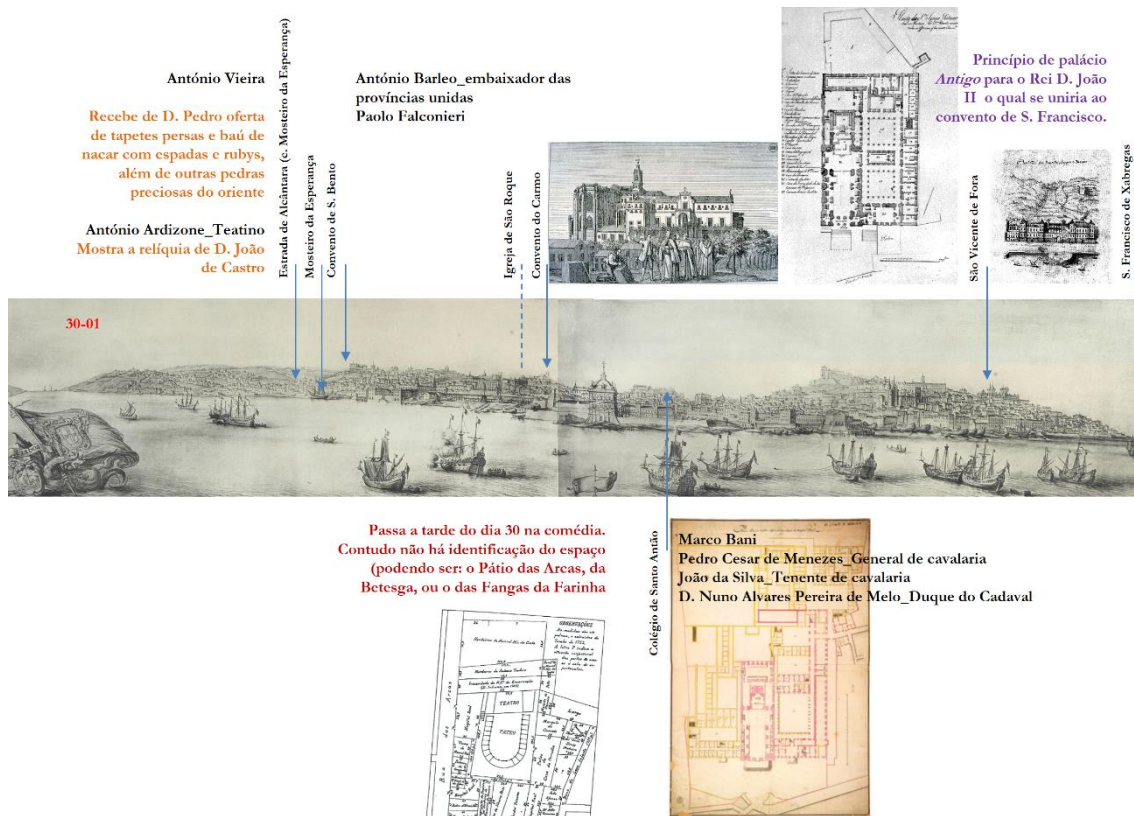


Fig. 12: Visitas e contactos de Cosme de Médici em Lisboa entre os dias 30 de janeiro e 01 de fevereiro de 1669.

No dia seguinte, após encontro pela manhã com o Padre António Vieira, Cosme visita novamente a igreja S. Vicente de Fora, deslocando-se ainda ao Convento de São Bento e ao de São Francisco de Xabregas, no termo oriental da cidade, a par do qual se encontra construção de sabor antigo (e cujo traço classicista se atribui hoje a Francisco de Holanda), destinado a residência real.

Em relação à visita a S. Bento (atual edifício da Assembleia da República), o diário de Corsini aponta “o altar-maior, iniciado pelo marquês de Castelo Rodrigo, debaixo do qual existe uma capela, onde deveriam estar os seus sepulcros, contudo tudo está inacabado.” Uma curiosa referência à cripta encomendada pelo 2º Marquês de Castelo Rodrigo, Manuel de Moura Corte Real, ao arquiteto romano Francesco Borromini²⁰. Contudo, neste documento, não fazendo menção à origem italiana da obra, a referência não vai além da indicação de que “há algumas pedras talhadas, que devem servir como adornos para as sepulturas mencionadas” (*Ibi*, p. 316).

²⁰ Tendo sido designado, no tempo do domínio filipino, como embaixador em Roma, o 2º Marquês de Castelo Rodrigo torna-se patrono de Borromini. É nessa consequência que o arquiteto romano dedica o seu manuscrito *Opus Architectorum* (redigido em 1647) ao nobre lusitano. Para mais ver Connors (1991) e Gomes (2003).

No final do dia, tendo sua alteza regressado a casa, a *Relazione* menciona oferta do Príncipe de Portugal ao Príncipe Toscano. Uma prenda exótica, com manufaturas orientais, demonstrativa da dimensão física cosmopolitismo do império português, bem como da intensiva atividade comercial e cultural. Assim, além de almofadas de lã da Pérsia, a oferta inclui baú de nácar, panos da China e espada (com ouro e rubis), sobre a qual se refere o percurso e sequência de mãos por que esta passou entre a Índia e Lisboa (um mapeamento a fazer e que permitirá espacializar relações no âmbito da história económica e política portuguesa seiscentista).

O dia 1 de fevereiro é dedicada aos jesuítas, visitando a casa de S. Roque e o Colégio de Santo Antão, o qual beneficia da circulação de letrados e cientistas que procuram Lisboa dada a sua posição enquanto lugar de intermediação entre as casas europeias e os ramos ultramarinos da companhia, nomeadamente os do oriente e das américas.

A deslocação a Belém, que tem lugar a 4 de fevereiro, incide em visita à magnífica construção do mosteiro de Santa Maria de Belém de cuja igreja se descreve a distribuição dos túmulos reais no seu interior. Já em relação ao corpo do mosteiro Magalotti descreve o claustro, “cujas arcadas estão artificialmente trabalhadas em colunas de mármore que proporcionam comodidade ao caminhar” (*Ibi*, p. 318), o refeitório e o dormitório, a par dos jardins guarnecidos com fontes e citrinos. Aquando desta incursão a mais de uma milha da cidade, o príncipe aproveita para visitar na outra margem do Tejo o convento de S. José da Arrábida (convento dos capuchos na Caparica), habitado por frades franciscanos na observância da província da Arrábida. Uma construção, que no cumprimento de regras de simplicidade e despojamento, é descrita como não tendo nada de notável para além do respeito absoluto aos votos de pobreza. Panorama distinto é apontado em relação ao mosteiro de Odivelas onde, vivendo seiscentas mulheres, a madre se revela como “senhora de maravilhosos talentos” (*Ibi*, p. 319), passado Cosme o tempo em audiência com a madre e assistindo a sarau musical.

Aspetto que se vai revelando ao longo da leitura dos documentos, nomeadamente no que se refere ao confronto entre a *Relazione Ufficiale* de Magalotti e o manuscrito Corsini, é que a descrição espacial é muito mais densa no caso do segundo documento. Por exemplo: quando Magalotti aponta a deslocação a Benfica, a propósito de visita à residência do Conde da Torre e ao vizinho convento de S. Domingos, a sua descrição não vai além de breve referência à passagem por estes locais. Em contrapartida, Corsini explora em profundidade a residência, “construída com galanteria e tem jardim com diferentes adornos”, referindo a composição dos terraços, os adornos de jardins, os tanques e labirintos. Particular atenção é depositada por Corsini na

decoração que guarnece os jardins, de azulejos decorativos e historiados ou de grinaldas de limões em cerâmica, a par dos trabalhos de mármore que emolduram a construção. Atenção semelhante é depositada na igreja de S. Domingos de Benfica, identificando arcos tumulares e transcrevendo algumas das suas inscrições.

Assim, parece-nos que do ponto de vista documental a identificação dos lugares, personagens e protocolos seguidos é alvo da atenção de Magalotti, o que, a rigor, responde ao carácter oficial do documento, enquanto a fuga em relação à ambiência dos lugares e a sua descrição física é levada a cabo por Corsini, nitidamente mais livre na redação de um documento pessoal e revelador dos seus interesses.

Na mesma linha poder-se-á apontar os relatos do dia 9, aquando da visita à torre de Belém e ao forte de S. Julião da Barra. Se o discurso de Magalotti incide no protocolo, mencionando por exemplo as salvas de canhão na receção de sua majestade, Corsini recai na descrição do ambiente construído. Assim, descreve a torre de Belém como edificação “quadrada, bastante alta e tem uma torre” e o forte de São Julião da Barra como “Castelo feito de todo o tipo de pedra e mármore” (*Ibi*, p. 322), continuando a descrição pelo tipo de armamento, portas, cisternas e organização do contingente militar.

6. Contato e relações epistolares

Ao longo do documento de Magalotti é também evidente a identificação de personagens centrais da cultura portuguesa de seiscentos, além dos encontros com a elite política e aristocracia lusitana, distintos embaixadores e membros de comunidades estrangeiras. Contactos cujas relações se perpetuam no tempo como o comprova o acervo documental relativo a trocas epistolares entre o príncipe e o Padre António Vieira²¹, Frei Francisco de Santo Agostinho²², Rafael

²¹ Para mais ver em Castro (1962), Castro (1964) e Lima (2010).

²² Da relação de Frei Francisco de Santo Agostinho com Cosme de Médici, temos referência de registo da Casa professa do Bom Jesus de Goa, acerca de monumento oferecido pelo grão-duque da Toscana e executado pelo marmorista florentino Giovanni Battista Foggini, por volta de 1697, ou ainda da sua obra poética *Serenissimi Cosmi III. Magni Ducis Etruriae Sacellum* (1673).

Bluteau²³, Luís Serrão Pimentel, Luís de Menezes, 3º Conde da Ericeira²⁴ ou André Rodrigues de Matos²⁵.

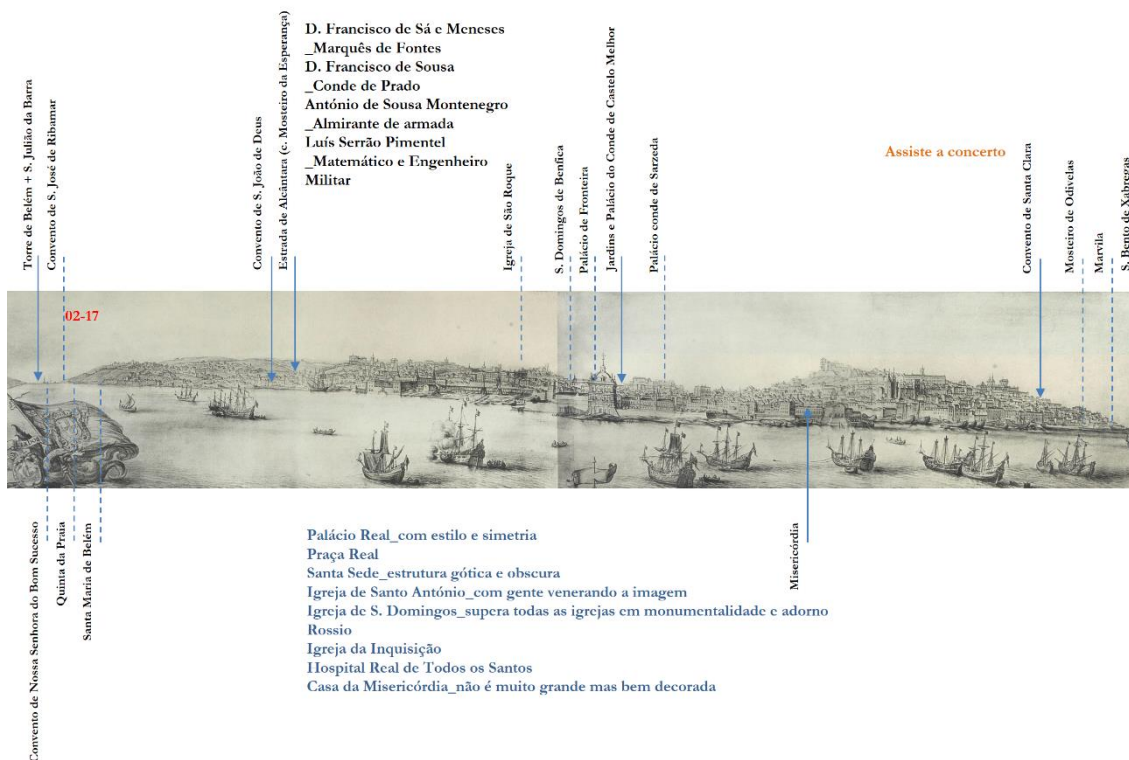


Fig. 13: Agenda e contatos de Cosme de Médici em Lisboa entre os dias 02 e 17 de fevereiro de 1669.

Ao longo das *Relazione* é evidente o permanente contacto do príncipe com membros da Casa Professa, nomeadamente os reitores dos distintos colégios porque vai passado (Elvas, Évora, Setúbal, Lisboa, Santarém, Coimbra e Porto). Contudo, neste âmbito, é de destacar os sucessivos encontros com o Padre António Vieira, o primeiro no dia 22 de janeiro de 1669, e sobre o qual Corsini refere como “predicador famoso, que por estar convencido de algumas opiniões heréticas, a inquisição o privara de missa e do sermão, mas que, contudo,

²³ Do Padre D. Rafael Bluteau temos notícia do envio a Cosme das *Primícias Evangélicas, ou sermões e panegíricos ...*, Lisboa, 1676.

²⁴ A este, Cosme de Médici envia carta (datada de abril de 1680), agradecendo a primeira parte da obra “A História de Portugal Restaurada”, cuja 1ª parte fora publicada em Lisboa, em 1679.

²⁵ André Rodrigues de Matos (cavaleiro professo na ordem de Cristo e académico da Universidade de Coimbra) envia ao grão-duque toscano a sua tradução do poema épico de Torquato Tasso, “O Godfredo, ou Hierusalem Libertada; Poema heroico composto no idioma toscano por Torcato Tasso, traduzido na lingua portugueza”, de quem recebe nota de louvor.

contava com o favor do Príncipe, do qual era seu confidente...” (*Ibi*, p. 309). Na sua sequência há registo de novo encontro na noite do 25, com o jesuíta a ser recebido na casa de Cosme, e novamente nas manhãs de 29 de janeiro e de 11 de fevereiro, aquando de visitas à Casa Professa. Encontros que, segundo Lima (2010), versariam sobre interesses comuns, como a botânica, ou, no assunto da dispensa matrimonial do monarca luso. Uma relação privilegiada que de facto se prolonga no espaço e no tempo²⁶.

Porém, nem todos os contatos do príncipe são identificados de modo inequívoco nas *Relazione*. É o exemplo da referência, no dia 10 de fevereiro a um matemático. “De volta à sua casa passou a vigília com um matemático português, que trouxe para lhe mostrar um livro muito grande que contém a informação das Índias com as plantas daquelas terras, as quais foram solicitadas pelo Vice-rei” (*Ibi*, p. 323). Na leitura de Garcia (2017) este matemático seria Luís Serrão Pimentel (Garcia, 2017, p. 210). Uma ideia consequente à notícia de recomendação de mapas pelo cosmógrafo-mor a Cosme de Médici, bem como ao envio para Florença de manuscrito da sua mão “*Extracto Ichonografico do Methodo Lusitanico novo, facillimo, e apuradíssimo pera desenhar as fortificaçoens regulares, e irregulares por novas e exatíssimas proporções achado por Luís Serrão Pimentel*”²⁷, ou ainda a oferta de exemplar da obra de Pedro Nunes²⁸. Presentes aos quais, Cosme III responde com o envio de alguns livros de arquitetura que o matemático, engenheiro e cosmógrafo português muito agradeceu (Ferreira, 2009, p. 96).

7. A cidade de Lisboa e instituições

Se no relato do quotidiano a atenção de Magalotti ao quadro espacial da viagem é muito pontual, este dedica, porém, capítulo próprio à cidade de Lisboa, em que apresenta algumas das principais construções e, na sequência do qual, se debruça sobre as principais instituições do reino. Ainda assim, a descrição presente no manuscrito de Corsini descreve o país e a cidade de modo mais exaustivo.

²⁶ Partindo o Príncipe na continuação do seu périplo europeu, este voltará a encontrar-se com Vieira em agosto desse mesmo ano em Marselha, aquando do regresso do príncipe a Itália e Viagem de Vieira com destino a Roma. Aí, Cosimo convida Vieira para uma breve estadia em Florença, após a qual o Padre português parte para Roma. Lima, 2010, p. 104.

²⁷ Volume em depósito na Biblioteca Nazionale Centrale, Florença (MS, after 1680, 17th century, BNCF, Palatino 910). J. Garcia, “Um mês na Lisboa...”, cit., 2017, pp. 211.

²⁸ O volume da obra de Pedro Nunes, *Alcune dimostrazioni in difesa della sua dottrina lossodromica...*, em depósito na Biblioteca Nazionale Centrale de Florença (MS, 16th century, BNCF, Palatino 825).

Em relação a Lisboa, Magalotti refere que esta

Ocupa com os seus limites não só a parte mais alta das colinas, senão também as encostas e vales (...). Há abundantes olivais, campos e fruta, sendo rodeada pelo velho e novo recinto amuralhado iniciado com a forma da mais perfeita arquitetura militar para defender a cidade (Magalotti, 1669, p. 329).

Nas margens do Tejo, esta

tem uma zona de nobilíssimo aspeto (...). As construções modernas são melhores que as antigas pelo seu desenho mais cuidado. Assim, os mosteiros e as casas recentemente construídas superam em muito as anteriormente edificadas, em desenho, arquitetura e conforto (*Ibi*, p. 331).

Desta abordagem mais globalizante passa à escala do edificado para descrever o Paço da Ribeira, com a respetiva praça real na margem do Tejo, referindo a qualidade do seu desenho e a circunstância de a obra não estar concluída, “contudo, é adornado de estilo e simetria pelo que merece considerável reflexão.” Um apontamento sobre o Paço Ribeira fora já dado pelo próprio Magalotti quando, a 12 de fevereiro, descreve a audiência do Embaixador de Espanha ao Príncipe português. Aí, descrevendo o aparato exterior e a chegada da comitiva (num total de 42 carruagens) menciona a entrada do embaixador na porta do Paço, a subida pela escadaria e acesso à sala regia (construída por Filipe II de Espanha aquando do domínio sobre a coroa portuguesa), adornada com tapeçarias.

Na sequência do Paço menciona a Sé da cidade que, porventura por reação de um olhar instruído na modernidade clássica, descreve a estrutura medieval como não tendo mérito, magnificência ou beleza. Segue-se então apontamento à igreja de S. Domingos e à Casa da Misericórdia, com o respetivo hospital, na praça do Rossio. No caso de S. Domingos é dito que supera todas as igrejas da cidade em monumentalidade e adorno.

Partindo então do caso da Casa da Misericórdia, e da referência à sua missão assistencial, Magalotti descreve as instituições de governo político como o Conselho de Estado, o Conselho Real do tesouro, o Conselho de Guerra, o Conselho do Desembargo do Paço, a Mesa da Consciência e ordens, a Ordem Militar de Cristo, a Ordem de Santiago, o Conselho do Ultramar, a Junta dos três estados do Reino, o Tribunal de Justiça, o Senado da Câmara, a Casa das Índias, a Casa da Alfandega (descrevendo o tipo de tributação aplicada aos diferentes tipos de bens), o Conselho da Fazenda da Rainha, o Estado e Casa de Bragança (descrevendo o património da casa de Bragança), a Chancelaria da Corte, a Chancelaria da Justiça, a Corte do Rei (da qual se aponta a falta de um

protocolo próprio pelo que, como tal, se aplica na sua totalidade o estilo castelhano), o Governo eclesiástico (incluindo a sua organização deste Braga ao Oriente), o Tribunal da Santa Cruzada, o Conselho da Inquisição, a Mesa pequena da Inquisição e a Concordata dos Bispos.



Fig. 14: Listagem das instituições da coroa e de governo bem como observações de protocolo.

Após esta longa exposição, Magalotti aponta os preparativos e respetiva partida de Cosme, no dia 18 de fevereiro, que passando pela praça do Rossio sai da cidade pela porta de Santa Bárbara: “Foi muito agradável o aspeto do campo com belos jardins e deliciosas casa, que povoam todo o caminho” (*Ibi*, p. 352).



Fig. 15: Saída de Cosme de Médici de Lisboa, a 18 de fevereiro de 1669, rumo ao norte. Etapa Lisboa-Santarém.

A viagem prosseguirá rumo a norte, em direção a Santiago de Compostela, passando por Vialonga, Vila Franca de Xira, Cartaxo, Santarém,²⁹ Golegã, Tomar, Estalagem da Gaita, Fonte Coberta, Coimbra, Mealhada, Cerdam, Pinheiro, Grijó, Porto, Moreira da Maia, São Pedro de Rates, Viana do Castelo e Caminha:

A um de março Sua Alteza, servida pelo Juiz de Fora até à praia, embarcou em barco a remo e velas, chamada lancha pelo locais, e o resto da família subiu pelo rio em lanchas similares com o favor da maré, e em quatro horas chegou a Tuy (Magalotti, 1669, p. 373).

8. Conclusão

Do exposto, acerca do ensaio no âmbito da consolidação de proposta de projeto de investigação, verifica-se a importância dos desenhos de Pier Maria Baldi no reconhecimento da paisagem urbana e rural portuguesa de Seiscentos, a par dos relatos de Lorenzo Magallotti, complementada pelos diários de Filippo Corsini, Jacopo Ciuti e Giovan Battista Gornia, que nos permitem reconhecer, narrar e mapear os percursos e encontros do príncipe, nomeadamente no que se refere ao seu enquadramento espacial.

Nesta lógica o resgate e análise das fontes documentais primárias, visa a montagem de uma narrativa abrangente sobre o evento, os seus atores e

²⁹ A *veduta* deste ponto da viagem, foi trabalhada como ensaio metodológico aquando da formulação do projeto de investigação, preconizando a aproximação às fontes primárias, estratégias de análise e dimensões inerentes ao desenho de Pier Maria Baldi, por Cabeleira, 2016.

lugares, tendo como principal instrumento metodológico o desenho. A partir da revisão crítica das fontes primárias, enfatiza-se a importância do desenho, nomeadamente na sua simultaneamente enquanto objeto de análise e instrumento de pesquisa (permitindo materializar interpretações e hipóteses desvelando substratos da dimensão material e imaterial dos lugares), apoiando ainda toda a fundamentação cognitiva e comunicação do conhecimento alcançado. Neste âmbito, os ensaios avançados permitiram testar hipóteses no método e instrumentos a aplicar, corroborando a estratégia na avaliação das *vedute*, na leitura da morfologia urbana e da paisagem, tendo como pressupostos a indagação gráfica, sobreposição, mapeamento e confronto de suposições, afastando o Desenho de um status meramente figurativo.

Pelos conteúdos intrínsecos às fontes documentais (nomeadamente o conjunto das 396 *vedute* de Pier Maria Baldi e os manuscritos de Lorenzo Magalotti, Jacopo Ciuti, Filippo Corsini e Giovanni Gornia), importa explorar a imagem global do visto, revelando-se aptidões destas fontes na construção de uma imagem dos lugares servindo, conjuntamente, a uma leitura do seu presente.

9. Bibliografia

- Cabeleira, João (2016) 'A Viagem de Cósimo III de Médicis. Imagem da cidade portuguesa de seiscentos, o caso de Santarém', in Bandeira, Miguel - Correia, Jorge (coord.), *Os Espaços da Morfologia Urbana. Proceedings of the 5th International Conference of the Rede Lusófona de Morfologia Urbana*. PNUM (Guimarães, Centro Cultural Vila Flor, 15 e 16 de julho de 2016). Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, pp. 39-50.
- Castro, Aníbal Pinto de (1962) 'O Padre António Vieira e Cosme III de Médicis', *Revista de História Literária de Portugal*, 1, pp.158-190.
- (1964) 'Correspondentes portugueses de Cosme III de Médicis - nótula sobre a actividade literária de Seiscentos em Portugal', *Revista de História Literária de Portugal*, 2, pp. 231-287.
- Cattaneo, Angelo - Corbellini, Sabrina (2019) *Sguardi global. Mapped olandesi, spagnole e portoghesi nelle collezioni del granduca Cosimo III de' Medici*. Firenze: Mandragora.
- Connors, Joseph (1991) 'Borromini and the Marchese di Castel Rodrigo', *The Burlington Magazine*, 133, pp. 434-440.
- Crinò, Anna Maria (1968) *Un principe di Toscana in Inghilterra e in Irlanda nel 1669*. Roma: Abete.

- Doglio, Maria Luisa (1991) 'Vedere per il Principe', in Magalotti, Lorenzo, *Diario di Francia dell'anno 1668*. Palermo: Sellerio, pp. 9-29.
- Estrela, Jorge (2013) *Viagem de Cosme III de Médicis em Portugal no Ano de 1669*. Lisboa: Fundação Mário Soares.
- Ferreira, Nuno (2009) *Luís Serrão Pimentel (1613-1679): Cosmógrafo Mor e Engenheiro Mor de Portugal*. Lisboa: Tese de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa.
- Garcia, José (2017) 'Um mês na Lisboa de 1669 com Cosme de Médici, um "peregrino instruído"', in Alessandrini, Nunziatella - Russo, Mariagrazia - Sabatini, Gaetano (coord.) *Homo est minor mundus Construção de Saberes e Relações Diplomáticas Luso-Italianas (sécs. XV-XVIII)*. Lisboa: Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, pp. 195-214.
- Gomes, Paulo Varela (2003) 'Damnatio Memoriae. A arquitectura dos marqueses de Castelo Rodrigo', in Colonna, José Luis - Brown, Jonathan (org.), *Arte y diplomacia de la Monarquía Hispánica en el siglo XVII*. Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, pp. 359-361.
- Guzman, Miguel (2015) 'Vistas urbanas de Santiago de Compostela: del la ciudad imaginada a los primeros retratos de ciudad', in Trasancos, Alfredo Vigo (coord.), *La ciudad y la mirada del artista. Visiones desde el Atlántico*. Santiago de Compostela: Teófilo Edicións, pp. 319-349.
- Lima, Ebion de (2010) 'Uma fruta para o Grão-duque: carta do Padre António Vieira a Cosme III', *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, 44, pp. 99-117.
- Magalotti, Lorenzo (1669) '*Relazione ufficiale*', in Jiménez, Davide - Molledo, José (2018), *Viaje de Cosme III de Médici por España y Portugal (1668-1669)*. Madrid: Miraguano Ediciones.
- Paixão, Alexandre (1939) *Monstruosidades do tempo e da fortuna*. Porto: Damião Peres.
- Radulet, Carmen (2003) 'Cósimo III Medici and the Portuguese Restoration: a voyage to Portugal in 1668-1669', *E-journal of Portuguese History*, 1 (2), pp. 1-8.
- Sánchez Rivero, Angel - Sánchez Rivero, Angela (1933) *Viaje de Cosme de Medicis por Espanha y Portugal (1668-1669)*. Madrid, Centro de Estudios Historicos.

10. *Curriculum Vitae*

Professor Auxiliar da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, (EAUM), é coordenador das UC de Geometria e Seminário 1C. Licenciado em Arquitetura (2002) e Mestre em Metodologias de Intervenção no Património Arquitetónico (2006), pela Faculdade de Arquitetura do Porto (FAUP), obtém o grau de doutor na EAUM (2015), com a investigação "*Arquitetura imaginária: espaço real e ilusório no barroco português*", onde analisa tratados de arquitetura, ótica e perspetiva, procurando interseções entre a ciência projetiva e resolução do espaço arquitetónico. A sua investigação versa sobre a representação do espaço, no âmbito da tratadística e prática da representação, da escala planetária à do objeto.

© Copyright: Author(s).

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2021 in:

This volume has been published online on 30th June 2021 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Via Giovanni Battista Tuveri, 128 - 09129 Cagliari (Italy).
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.
Sito web | Website: www.isem.cnr.it

